



.Mitologias: falsa consciência e consciência partida¹

Leda Tenório da Motta

Pesquisador do CNPq nível 1, Doutor em Semiologia Literária pela Universidade de Paris VII – Denis Diderot. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Contato com o autor: ltmotta@pucsp.br

Resumo: Pesam-se aqui as referências marxistas do primeiro Roland Barthes, de modo a ressaltar as diferenças metodológicas de uma nova crítica cultural, informada pela leitura de Saussure. Isso demanda distinguir entre “mistificação” e “mitificação”, assinalando-se a maneira, em seu momento inédita e surpreendente, como *Mitologias* passa a formular uma semiologia da conotação e a sediar a alienação burguesa na execução da linguagem. A esta outra forma de consciência propomos chamar “consciência partida” ou “consciência infeliz”, todos termos de Barthes, por contraposição à “falsa consciência”, tal como entendida no quadro das premissas teóricas marxistas para o fetiche da mercadoria.

Palavras-chave: Roland Barthes. Mitologias. Mito. Marxismo. Falsa Consciência.

Abstract: Mythologies: false consciousness and downcast consciousness: Herein, one addresses the first Roland Barthes’ Marxist references, in order to stand out the methodological differences of a new cultural criticism, learned from reading Saussure. That demands distinguishing between “mystification” and “mythmaking”, featuring the manner how *Mythologies**, inedited and surprising in its very moment, begins addressing a connoting semiology and to personate the bourgeois alienation via language élan. One proposes to call that other form of consciousness “Downcast consciousness” or “unhappy consciousness”, both of which are Barthes’ terms, in opposition to “false consciousness”, as it is understood within the set of the Marxist theoretical premises of commodity fetishism.

Keywords: Roland Barthes. Mythologies. Mythe. Marxism. False consciousness.

¹ Este artigo aumenta e modifica a seção de mesmo título do livro de minha autoria *Roland Barthes- Uma biografia intelectual* (Iluminuras, 2015).



Entre 1953 e 1957, datas das respectivas saídas de *O grau zero da escritura* e *Mitologias*, o “mito” instala-se no discurso barthesiano. Isso precede a publicação das *Mitológicas* de Lévi-Strauss², uma das mais notáveis e a mais vasta obra do pensador sênior da escola dita estruturalista, a que o primeiro Barthes, a sua maneira, pertence. De fato, quando, em 1964, vem a lume o volume *princeps* desta série colossal *O cru e o cozido*, com sua análise cerrada de uma profusão de lendas ameríndias, em que se explora a universalidade transcultural dos mitos, as *Mitologias* já enveredaram pelas legendas do capitalismo tardio, numa aproximação igualmente etnográfica dos discursos midiáticos. O que se explica: desde muito cedo, Barthes está atento à revolução que vem sendo operada nas Ciências Humanas pelo método straussiano, principalmente, pela nova visão da História diacrônica que aí se afirma, por sua maneira de constituir fatos concretos em sistemas semiológicos e pela sacudida que tudo isso dá na Sociologia “positiva”. “A obra de Lévi-Strauss [...] obriga-nos a pôr em questão a linguagem mesma de nossa ciência, isto é, de nossa razão”, escreverá numa apresentação de *O pensamento selvagem* para a revista *Annales*, no início dos anos 1960. (BARTHES, *Oeuvres Complètes*, I, 2002, p. 571)³ O fato é que o pensa desde sempre.

Que temos em *Mitologias*? Cinquenta e cinco capítulos fulgurantes, por vezes exasperadamente sutis, como sabe o professor que os levou para a sala de aula e teve que lê-los para os alunos surpresos com tantas circunvoluções de pensamento e estilo no trato da tolice midiática. Escritos numa língua suntuosa, que se faz ouvir, arrematados por pequenas fórmulas aforismáticas, que funcionam como fechos-de-ouro, essas suntuosas peças de crítica cultural têm merecido da mais proeminente inteligência francesa apreciações que lhe fazem, cada vez mais, justiça. O livro é “insólito, insolente, corrosivo, divertido, frio”, notou, mais ou menos recentemente, Philip Sollers (2002, p. 27). “Podemos ler certas mitologias como quase-poemas”, observou, por sua vez, Éric Marty (2008, p. 193). “O livro é diabolicamente

² Publicada de 1964 a 1971, a série compõe-se de *O cru e o cozido*, *Do mel às cinzas*, *Origem dos modos à mesa*, *O homem nu*. A trilogia tem edição brasileira da Cosac & Naify, elaborada no correr dos anos 2000.

³ Doravante citado na forma abreviada OC, seguida do tomo à que se refere.



inteligente”, resumiu, em correspondência para *O Estado de São Paulo*, o jornalista e escritor Gilles Lapouge, resenhando, em 2003, uma reedição da tradução brasileira pela Difel (2003, p. 5). São impressões plenamente confirmadas, em 2010, mais de meio século depois do advento da primeira vinda a público, por personalidades chamadas a avaliar a importância de um *Mitologias Ilustrado*, em grande formato, resultante de uma inédita caça às imagens realizada pela pesquisadora *Jacqueline Guittard*. Entre os depoentes, estava então Julia Kristeva, que depôs ao *Le Monde*: “O papel de cada mitologia de Barthes é mostrar a ideologia que se dissimula sob o discurso supostamente inocente (2010, p. 10). Sublinhem-se “ideologia” e “discurso”. Aos fins deste artigo interessa o enlace de ambas as instâncias.

Abrindo um notável precedente na pauta literária de Barthes, esses textos de escritura lapidar voltam-se principalmente para os discursos dos meios massivos, assim inesperadamente absorvidos no âmbito de uma obra fadada a ocupar um lugar de destaque no topo do mundo francês letrado. Enfrentam todo o território do *kitsch*, que, segundo alguns, o conceito de mito reformula (COELHO, 2006, p. 165-172). De fato, se *O grau zero da escritura* envolvia-se com Balzac, Chateaubriand, Flaubert, Mallarmé, Albert Camus..., *Mitologias* ousa despojar-se do prestígio deste repertório nobre e voltar-se para a publicidade, a propaganda, o *marketing*, o cinema hollywoodiano, os *best sellers*, todo o avesso, enfim, das pautas acadêmicas e para-acadêmicas então respeitáveis.

Uma primeira observação cabível, se quisermos tentar entender o passo, é que o fundo sombrio contra o qual se rebate o conceito de “grau zero”, com sua postulação de morte e silêncio _ “todo o esforço de Mallarmé voltou-se para uma destruição da linguagem de que a literatura é de algum modo o cadáver” (BARTHES, OC, I, p. 173) _ vê-se aí subitamente trocado por uma mordacidade sorridente, sem prejuízo da gravidade das denúncias. Moralista divertido _ até porque para Barthes, não custa repetir, “a ligação do semiólogo com o mundo é de ordem sarcástica” (BARTHES, OC, I, p. 867) _, o sujeito que está com a palavra em *Mitologias* acha-se às voltas com uma pequena comédia social. Sua particular maneira de arrancar as máscaras sociais é feita para nos fazer sorrir. Foi Georges Doubrovski quem primeiro assinalou a presença do moralista em Barthes: “Esses exercícios de estilo de um virtuosismo incomparável são a versão moderna dos caracteres de La Bruyère” (1981, p. 80).

Se não é o primeiro autor a ser mencionado em *O grau zero da escritura* _ cuja apresentação começa por Flaubert _ , Albert Camus é o primeiro a ser citado no primeiro



capítulo do livro. O que também se entende: ele preside à construção da noção de “grau zero” que aí principia. De fato, é principalmente diante do narrador emocionalmente distante de *O estrangeiro* (1942), do desenrolar mecânico dos gestos que se desenvolvem perturbadoramente na ação bizarra do romance, daquelas frases glaciais do livro _ de que Sartre diria em *Situations* que são “uma ilha” _, que vem à baila a formulação de uma literatura *zerada* _ também chamada “branca” e “neutra” _, e a proposição de um novo sentido para o *métier* do escritor, um sentido que não mais interpela mas apela, sem se afirmar. Há uma formidável multiplicação de ações incomunicáveis no texto camusiano, um corte entre o sujeito e o mundo. Isso não significa apenas ruptura do autor com a psicologia clássica da personagem, embora tal insolência vibre na dissonância entre a impassibilidade de Mersault e a decorosa busca de razões razoáveis da promotoria perante a qual ele responde por um assassinato gratuito. Isso significa hiato, intransitividade, fim da solidariedade entre as palavras e as coisas. “Esta linguagem é um golpe de morte assacado contra a mitologia romântica da Palavra e do Gesto revoltado”, é um limite extremo, está aquém da Literatura”, lemos na abertura do primeiro livro de Barthes.

É inseparável disso a postulação de uma “moral da forma”, que transfere para a linguagem a responsabilidade sartriana (BARTHES, OC, I, 180). A responsabilidade, em Barthes, assume-se no campo da linguagem. A “escritura”, tal como a postula, pela mesma ocasião, é o lugar dessa responsabilidade. Tanto assim que o Camus que posteriormente se torna politicamente engajado _ o do romance *A Peste* (1947), fábula da cidade sitiada pelo mal evocadora da Paris da Ocupação e do heroísmo dos combatentes _ , já não o interessa mais. *A Peste*, aliás, está no centro de uma querela entre ambos e de um esfriamento final, semelhante ao dissídio Sartre/Camus. A Barthes parecerá, no fim das contas, que o autor que se fechava, de início, no solipsismo, no *huis clos* trágico, terminou recuperando todos os velhos valores humanistas, todo o álbi filosófico e moral, numa transação reconciliadora com o mundo (BARTHES, OC, I, p. 543). Visto desde *O grau zero da escritura*, dotou-se novamente da posição de “testemunha do universal”, desfez-se da “consciência infeliz” que a escritura exigia (BARTHES, OC, I, p. 172).

Mitologias seguirá às voltas com essa mesma consciência. O próprio Barthes vai encarregar-se de fazer a equiparação. “A literatura tradicional nada mais é que uma mitologia da linguagem literária”, escreve aí, no posfácio (BARTHES, OC, I, p. 172). Ele quer dizer



que não consentir com os mitos pequeno-burgueses é como estar na pele do escritor. A diferença está no sarcasmo. Se Mallarmé lhe suscita a visão da destruição da literatura, o mitólogo contemporâneo lhe suscita a visão de encontros incessantes e infinitamente vãos com o mundo falsamente natural, imobilizado na sua falácia. “Os mitos não são nada mais que essa solicitação interminável, incansável, essa exigência insidiosa e inflexível que quer que todos os homens se reconheçam na imagem com que o brindaram, eterna porém datada, construída como se fosse para sempre”, nota ele (BARTHES, OC, I, p. 172).

Acompanhar o passo é dizer também _ e por fim _ que é o sarcasmo que faz falta na “falsa consciência”, que, em Marx e nos marxistas, é o corolário do fetiche da mercadoria. De fato, em tal âmbito teórico, essa outra forma de consciência está relacionada à contradição que a mercadoria encerra em si, por ter, a um só tempo, valor de uso e valor de troca, podendo ser assim reduzida a valores abstratos. Refere-se também à condição do homem alienado que já não se reconhece no resultado do labor de suas mãos, dentro da falsa relação com a História que o trabalhador passa a entreter, quando os produtos por ele fabricados, na linha de montagem, passam a oferecer-se no mercado desconectadas dos gestos operários originais, suscitando fantasmas.⁴

É do que trata o epílogo também lapidado do primeiro capítulo de *O capital*, livro I, onde se lê: “À primeira vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e de *manhas teológicas*. Como valor de uso, não há nada de misterioso nela. [...] A forma da madeira, por exemplo, é modificada quando se faz dela uma mesa. Não obstante, a mesa continua sendo madeira, uma coisa ordinária física. Mas logo que ela aparece como mercadoria, transforma-se numa coisa fisicamente metafísica. Além de se por com os pés no chão, ela se põe a encabeçar as outras mercadorias e desenvolve de sua cabeça de madeira cismas muito mais estranhas do que se começasse a dançar por conta própria” (MARX, 1983, p. 70).

Aqui, o objeto que de si mesmo se descola, por mais que “cisme” e enverede pela “metafísica”, tem a “cabeça de madeira”. O fetiche é fático, físico, coisal. Sua magia não prescinde do dado material, nem no plano da religiosidade _ objetos de culto e adoração como um bezerro de ouro, este aliás sabidamente associado por Marx à fetichização dos produtos

⁴ - Uma boa apresentação dessa tradição de pensamento pode ser encontrada em Joseph Gabel, *La fausse conscience, essai sur la réification*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1962.



fabris_ nem no plano das perversões sexuais _ objetos substitutivos do objeto inalcançável como um pé ou um sapato _ mas precisa de algo de palpável. Não por acaso, os filósofos de Frankfurt o retomaram para assinalar a coisificação, inclusive erótica (o *sex appeal* do inorgânico), das relações sociais no sistema capitalista. No mundo reificado que espelham, as ideias se transformam em concretudes. Walter Benjamin assinalou magistralmente o caráter acachapante dessa passagem: “No instante em que o processo de produção escapa das pessoas, abre-se diante delas o depósito _ a loja de departamentos” (BENJAMIN, 2006, p. 412). É dizer que a mesa de madeira de Marx se faz signo para melhor ser objetal. Por mais que o fetichismo efetue sua operação sobre o real e a mercadoria adquira ares de mistério, aqui, o signo continua devendo sua existência ao objeto. Estamos no mundo “reificado”, como o chamamos depois de Frankfurt.

Em *Mitologias*, é o contrário, é o objeto que deve sua existência ao signo, num cenário de evaporação do real. Dito de outro modo: não lhe interessam tanto as condições materiais de produção que tornam os bens de consumo tão dançantes, em sua crueza, mas a própria dança. Ele dá-se pressa em anotar a diferença, no *Avant propos* de 1957, dizendo-nos aí que, quando escrevia as pequenas críticas que agora saem em livro, ainda entendia o mito no sentido tradicional de mistificação, que é o de mistério, mas que, mesmo então, já era o sentido etimológico, que é o de fala, narração, relato, que mais o retinha: “de uma coisa sempre estive certo e dela tentei tirar todas as consequências: o mito é uma linguagem”. A mesma definição confirma-se e resume-se no ensaio que serve de fecho ao livro: “O que é o mito hoje? Darei de saída uma primeira resposta muito simples, que corresponde perfeitamente à etimologia: o mito é uma fala (em Saussure: “*parole*”) (BARTHES, OC, I, p. 823).

A cozinha barthesiana do sentido deu um nome a esse dizer: “conotação”. A conotação é um desengate (no francês de Barthes: *décrochage*) do signo. Ela faz de um signo, que é o resultado da relação entre um significante e um significado, a base de lançamento de um outro signo, promovendo um novo elo, uma relação de segundo grau, entre as partes. Eleva assim simples palavras a potências de significação abusivas. É pelo dom dessa alavancagem que fatos mercadológicos vulgares são transformados em fatos extraordinários. Não se está falando de reconversão metafísica mas de milagres da logorreia. *Mitologias* os localiza por toda parte. Verifica-os, por exemplo, na manha das mensagens publicitárias dos sabões em pó e detergentes que associam narrativamente as ações químicas



dos amoníacos e cloros a funções policiais e guerreiras, o que é conotar, ainda, que a sujeira é removida, não das superfícies em que se deposita, mas não se sabe que profundezas (BARTHES, OC, I, p. 823). Na propaganda de ideias, reencontra-os nas cismas do articulista do jornal *Le Figaro* que chama a guerra da França contra a Frente Nacional de Libertação da Argélia de “cruel dilaceramento” e o intento francês de manter sua colônia do Norte da África, de “desígnio do Todo-Poderoso”, o que é tentar fazer passar a contingência histórica por fatalidade sem origem (BARTHES, OC, I, p. 778).

A “gramática africana” _ como se intitula o capítulo de *Mitologias* dedicado à “fraseologia” da campanha militar francesa no norte da África, no meio século passado _ ainda estaria assombrando o semiólogo Barthes, dois anos depois do lançamento da coletânea. Porque ele demonstra como funciona, na prática simbólica, a diferença de que estamos tratando, detenhamo-nos no artigo de 1959 intitulado “Sobre um emprego do verbo ser”. Aí, Barthes retoma o truísmo “A Argélia é francesa”, com que já vinha trabalhando, no passado, para aduzir que, na mente do mitólogo, ser um bem nacional francês é uma qualidade da Argélia. Não sem ironia, ele acrescenta que temos aí uma verdade recente, já que a Argélia só é francesa desde o século XIX. Segue observando que, dada a “força declaratória” da sequência, essa qualidade da Argélia de ser francesa, não obstante ser recente, é tida como perdurável, ou como devendo continuar no futuro, como se a História “não se mexesse mais”. E termina por explicar, argutamente: tudo se deve à curiosa operação do verbo, que diz esse passado no presente. A astúcia é a seguinte: “o Fato sendo sempre passado, e o presente estando sempre no Ser, se acontecer de o Fato vir a perturbar o Ser, devido a alguma situação escandalosamente imprevista, bastará negá-lo nominalmente para liquidá-lo” (BARTHES, OC, I, p. 971-972).

A mudança de ângulo representada pela consciência da intervenção de uma *gramática* nos nossos golpes de apoderamento da realidade não impede a crítica política do marxista Barthes. Nesses “pequenos *flashes* da existência social” _ como tão bem os resumiu Etienne Samain (1998, p. 116) _, o “inimigo capital” é sempre a norma burguesa, e mais especificamente a norma pequeno-burguesa, alvo preferencial de Barthes. O diferencial é que o crítico marxista desdobrado em semioclasta saussuriano vai aos códigos de fala dessa mesma classe, para analisá-los “em detalhe”. A semioclastia é uma “análise fina” (BARTHES, OC, I, p. 673).



A crítica cultural é aqui o que a crítica de Barthes sempre foi, aliás, de início, escandalosamente: discurso sobre o discurso. Em outra parte, examinei as diferenças existentes entre o jornalista segundo Barthes e o jornalista segundo Adorno. Comparei a expertise barthesiana encontrável em dois capítulos de *Mitologias* voltados para o horóscopo das revistas femininas _ “Astrologia” e “A clarividente” _ com o comentário adorniano em vigor num livro preparado na fase americana do filósofo _ *As estrelas descem à terra* _ também às voltas com a astrologia dos periódicos. No primeiro caso, não há nomes de pessoas e tudo se passa no âmbito de uma leitura *à la* Lévi-Strauss das pequenas estruturas míticas _ o Coração, a Família, o Trabalho, o Amor, o Casamento _ do discurso dos colonistas. No segundo caso, não apenas há personalização mas o jornalista em questão _ certo Carroll Righter, que escreve para o *Los Angeles Times* _ é visto como um condutor de horda, líder manipulador de carne e osso, a que respondem e correspondem leitores não menos perversos, igualmente desejosos de servir a um tal mestre. Na falsa racionalidade dos bruxos e feiticeiros, para Adorno, desponta a lógica dos movimentos totalitários e sua práxis. Seu astrólogo é um êmulo de Hitler. Ao passo que em Barthes, a ação ideológica é uma faculdade discursiva (MOTTA, 2012, p. 163-176).

Em suma, em Barthes, o ideológico repousa no *ethos* falante burguês, com sua consciência, mais que falsa, dividida.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland . **Oeuvres Complètes**. Tomes I-V. Paris: Seuil, 2002.

COELHO, Marcelo Coelho. Roland Barthes e a arte burguesa. In: _____. **Crítica cultural: teoria e prática**. São Paulo: Publifolha, 2006,

BENJAMIN, Walter Benjamin. **Passagens**. Belo Horizonte/São Paulo, UFMG/UNESP, 2006.

CALVET, Louis-Jean. **Roland Barthes – uma biografia**. Tradução de Maria Ângela Villela da Costa. São Paulo: Siciliano, 1993.

DOUBROVSKI, Serge. Une écriture tragique In: **Revue Poétique**, n. 47, Septembre-Décembre 1981.



GABEL, Joseph Gabel. **La fausse conscience, essai sur la réification**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1962.

KRISTEVA, Julia Kristeva Mythologies Illustrées In: **Le Monde** de 12 de outubro de 2010

LAPOUGE, Gilles Barthes. In: **O Estado de São Paulo**, Caderno 2, 0 de fevereiro. 2003.

MARTY, - Dossier Barthes. In: **Europe Revue Littéraire Mensuelle**. ago-sept, 2008.

MARX, Karl Marx, **O capital**, Vl. 1, Livro Primeiro. Tradução de Regis Barbosa e Flávio Kothe. São Paulo: Abril Cultural, Col. Os Economistas, 1983.

MOTTA, Leda Tenório da. **Roland Barthes - uma biografia intelectual**. São Paulo: Iluminuras/FAPEP, 2012.

SAMAIN, Etienne (org.). Um retorno à Câmara Clara: Roland Barthes e antropologia visual. In: _____. **O fotográfico**. São Paulo: Senac, 1998.